

Dezembro traz o forte símbolo do nascimento, da renovação de vida!

Tomando Ana em sua imagem serena de mestra, a candura do saber intuitivo de Maria, as mãos artesãs de José, eis aqui a composição de um novo lar, que se estretita para receber Aquele que desvendaria caminhos ainda não percorridos - apenas sinalizados - pela humanidade. Assim chega, entre os homens, Jesus que fora anunciado por anjos e, obedecendo ao Pai, desdobrou o seu amor a todas as criaturas.

A Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa transforma-se na manjedoura e acolhe com infinito respeito as palavras de Bartolomeu Campos Queirós transformadas no grande presépio que o nosso carinho e a nossa imaginação vão povoando nestes espaços de pessoas, de livros, de fraternidade, de confiança, porque vemos no Menino Deus a fonte renovadora de esperança. É a vida que assoma aos nossos olhos, que percorre os nossos pensamentos e, numa ruidosa explosão de ternas emoções, celebra o Natal!

Os textos de Bartolomeu Campos Queirós são pequenas chaves, delicados signos que nos levam a muitas leituras sobre um fato que está no coração de cada um de nós, permitindo reflexões que, certamente, nos tornarão melhores.

É preciso fazer das palavras um permanente exercício de amor ao próximo.
Alegria! O menino renasce em nós!


Paulo Brant

Secretário de Estado de Cultura

Escritura



Bartolomeu Campos Queirós

Ainda que exaurindo
imaginários jamais
desvelarei a Origem.
Contudo a minha alma se
alimenta da Palavra.




Houve o céu e a terra. Houve oceanos e montanhas, noites e manhãs. Peixes, aves e ervas verdes se multiplicaram sob o sol e a lua. Depois do sexto dia, presidindo a tudo - mesmo os animais os mais selvagens - houve o homem e a mulher.

Não me pergunte desde quando tudo houve. Eu não estava lá. Sei apenas sopros dessa história. Sim, todas as horas são poucas, toda distância é pequena, todo calendário é insuficiente para medir o eterno.



Ah! o eterno é o sempre. Não tem nós de nascimentos ou embaraços de mortes. E o pensamento, este é terreno demais para decifrar intenso mistério.



MARIA

Eram quatro as três-marias do firmamento. Por ato dos céus a primeira estrela desceu ao mundo sem perder contudo a claridade das constelações.

E sob túnica de transparência e luz, Maria sobressaltou a terra ao destar amor por sobre as pedras, animais, vegetações. Seus gestos a tudo vestiam de celeste seda, enquanto filtrada em ternura e música era a sua voz.

No silêncio Maria segredava assuntos aos rios, crepúsculos, brisas. E seus olhos conheciam viagens para além das nuvens, cristais e milagres.

Sem se inquietar, face aos prodígios da criação, Maria bendizia os secos desertos, os cursados mares, as aturdidas veredas. Despida de tormentos face aos mistérios, Maria cumpria o seu presente sem se perder em dúvidas e futuros.

Há suspeitas de que Maria, ainda menina, aprendera a ler no livro de Ana. Ela repousava sobre os joelhos os cânticos, e a filha entoava, sem esforço, a escritura:

"Exulta o meu coração no Senhor;
nele se eleva a minha força".

E dizem que bastava Ana pensar para que Maria tudo soubesse, divinamente.

JOSÉ

Antes da madrugada, quando tudo - casa, árvore, memória - flutua entre poeira de neblina, prata e frio, José se enveredava pela floresta para o corte da madeira. Ao ritmo do cajado e das sandálias, entre ruídos de outono e gravetos, seu espírito vinha se debruçar em seus lábios e resmungar matinas. Preces que atravessando pássaros acordavam cores no sono do horizonte. José despertava o mundo.

Se resinas escorregavam das achas, cantando aromas, José verdejava em orações. Se fibras do lenho insinuavam desenhos de planícies e distâncias, ele se detinha para melhor conter o encantamento. E ao contemplar as mãos ásperas pelo martelo, plaina, goiva, José se via forte para servir em trabalho.

Assim manso, a paz rabiscava em seu rosto breves rugas em doçura e fortaleza. Ungido pelo suor, José se recolhia em solitário silêncio para melhor adotar o destino.

Um dia, enquanto repousava entre sombra e cansaço, pousou-lhe na mão, trazida sem acaso, uma semente grávida - ventre com fruto e futuro.

José ao se refazer do anúncio, soube haver um pai anterior a todo nascimento. Nesse meio-dia brotou em seu cajado um ramo de lírios, quase que preludiando posteriores admirações.

ALIANÇA

Não sei se fazia abril ou se vivia a primavera nas terras de Nazaré. Não me lembro de guirlandas, de damas ou de anéis, abrindo singular cortejo. Não soube de sinos ou palmas, de flores ou suas pétalas pelas ruas e vielas.

Mas houve José e Maria seguidos por Isabel, Zacarias, e outros tantos da casa de Davi. Maria por sobre a cabeça jogara alvo tecido, contornando sábio sorriso de quem adivinha o advir. Coroando seus pensamentos pairava um aro de rosas, sem espinhos naquelas três horas da tarde.

Dos passos do carpinteiro exalavam firmes saberes. Na mão direita o cajado - sentinela, espada apoio - coberto de muitos lírios, de onde o vento roubava perfume para toda aldeia.

Entre o suave silêncio, entremeado de festas e encontro, um arco-íris percorria a curva toda do céu. Itinerário em cores, herança de água e luz, amarrando o eterno ao finito.

E por translúcido o dia, olhar algum penetrava para depois do azul. Entendimento algum alcançava o Reino, com santos, anjos, profetas, que testemunhavam a promessa que nesse enlace se cumpria.

ESPOSA

Depois de tosquiar ovelhas, em tempo certo,
com o gosto de quem penteia nuvens,
Maria fiava a lã.

Entre águas e correntezas ela alvejava
os fios, perseguindo brancuras para o tear.

Nessas horas os peixes nadavam
laçadas e pontos ensinando à mulher
a arte das tramas e redes.

E Maria brincava de aprender para
não desapontá-los. Por vezes alguns peixes
fugiam fundo, trazendo limos de estranhos
verdes, sugerindo à tecelã novos tons para
vestes e mantos. Mas eram os pássaros
que sustentavam os fios nos ares para secar.

Assim, andorinhas bordavam, com sobras provisórias, provisórios motivos pelas margens de águas e espelhos. E Maria se deixava invadir pelos encantos do mundo, sem pressa.

Com silêncio, ela se ocupava dos afazeres da cozinha. O crepitar do fogo, o barulho das ferruras, o ruído do trigo no mojolo, somados ao som dos temperos amassados no almofariz, se organizavam em melodia, oferecendo encanto à alma.

E para os amigos que por ali rompiam, a casa de José e Maria a todos acolhia pelo que nela havia apenas de essencial: sobre a mesa, uma bilha suando sede ao lado de um vaso de amaranto; um par de cadeiras com almofada e encosto; longo banco para pequenos descansos.

Assim, o resto do vazio era preenchido por intenso e respirável azul.

Maria, por vezes, vagava. E para não deixar sem resposta a intuição, ela se punha a contornar com finas agulhas, pequenas flautas, flores, frutos, guardando-os em arca esculpida pelo marido, sem perguntas.

ESPOSO

Seu ofício cheirava a sândalo, cerejeira, sassafrás.

O aroma da madeira serrada, ao invadir o pequeno cômodo, transpunha janela e porta para se infiltrar como incenso nos céus, traçando destino novo para as nuvens.

Por vezes, gotas de suor caindo sobre as tábuas, batizavam com sal as arcas, catres, oratórios. E das fitas, resto da madeira lavrada, José fazia arder um lume brando, consumando a felicidade. Aquecendo delicados instrumentos o artesão traçava nas bordas das mobílias breves arabescos, entremeados de luas em tantas fases, flores em tantos ciclos, estrelas em tantas grandezas.

Quando os cravos se faziam necessários para travar resistências às cruces, era propício buscar na fé uma coragem maior. E ao assistir o rompimento da madeira, cedendo-se à passagem dos pregos, abriam-se chagas também no coração do artesão, e seus gestos se pareciam cruéis.

No abandono de certas tardes - entre fadigas e propósitos - a infância visitava o homem. Esculpindo pequenos pastores e rebanhos, modelando jumentos e bois, o carpinteiro videnciava menino correndo entre as lidas do dia, brincando sob sombra de oliveiras, sem pranto.

ANUNCIAÇÃO

Nas tardes o universo ganha em sossego. A paz permeia a alma e a tristeza é tom menor. O pensamento resta atento a revelações e o espírito mais disposto aos mistérios. Assim, o milagre se torna viável.

Silenciada pela poeira do crepúsculo, surpreendida pelos jacintos em florações, Maria deslindava sinais. Ela guardou o frio do corpo sob o manto, deixando o coração aventurar-se em vasto céu. Despojada de desejos, isenta de vontade, a Mulher abriu a emoção para os sigilos. E definitivamente livre, Maria se fez serva.

Vindo pelos ventos do oriente - desafiando ares e cores, seduzindo o canto das cigarras, animando as andorinhas para as rezas, prolongando o dia nos ninhos dos bem-te-vis - voava o arcanjo em asas claras, pelo luminoso entardecer.

Sementes, raízes, frutos, interromperam o crescimento, sem espantos.

- Não pertence a essas terras, mensageiros em tamanha plenitude, orou Maria.

E Gabriel, anjo das notícias, enviado do eterno, dirigiu-se a Ela e anunciou:

- Ave, Maria cheia de graça. Darás à luz um filho chamado Jesus.

Seduzida pelo recado do céu, fertilizada pela palavra, a Senhora se trançou em festas. E o sol, iluminando do poente essa anunciação, projetou a sombra de Gabriel por sobre a terra. O que era santo e asa, no chão era sombra e cruz.

O futuro doeu na alegria da Mãe. Maria que aprendera a decifrar os sinais no livro de Ana, leu em sombras sinuosas o caminho do calvário.

VIAGEM

Antes do amanhecer eles tomaram a via de Jerusalém. Atrás da única colina ficou Nazaré árida, dormindo sem sonhos, na quase madrugada. O sol, nesta hora, ensaiava adoçar o mundo, encastrando em luz as linhas dos montes.

Seguiam José e Maria o destino de Belém. Tinham o caminhar mudo, escolhendo cuidados para não machucar a poesia em vésperas de revelação.

E o amor do carpinteiro, ao pressentir fadiga sombreando a ternura da esposa, recostava sob sombra com aragem de canção e água. O olhar de Maria recolhia as ovelhas e segredava onde prados mais verdes, onde folhas mais tenras, onde fontes mais frescas.

Ao derramar sobre a terra o linho para o pão, o peixe, a água, o vinho, as aves em coral glorificavam a comunhão. Borboletas em relâmpagos e cores se misturavam às tâmaras maduras que se ofertavam. As abelhas, esquecendo a rainha, cravejavam com mel gotas de brilhantes na superfície do pão. O vento, moderado em brisa, desatava sorrisos nas folhas e soprava prenúncios. Os pombos, surdos ao mundo, voavam paz, lá muito longe.

José, convertido pelo encantamento, visitava o futuro. Ele sabia que o presente era pequeno para abrigar o ainda secreto. Maria mirava as formigas que aguardavam o fim da refeição para transportar, em procissão e pálio, as migalhas, deixando limpo o linho para a ceia. Mas a mulher, que aprendera a ler no livro de Ana, propositadamente aspergia mais migalhas, como que prolongando o diálogo.

Nas noites, as três-marias entoavam noturnos. A música escorregava em flauta, harpa e garganta, para cair no ouvido da irmã, grávida em emoções e sentenças.

Não sei quantos foram os sóis e as luas. Faz tempo e meus dedos são poucos para contar tamanha história. Se longo o caminho andado para o recenseamento, não menor fora o tempo da espera. Mas o certo é que houve a tarde para vislumbrarem Belém.

NASCIMENTO

Nenhuma água-furtada. De porta em porta José e Maria sonhavam pousada pelas travessas de Belém. Não fora por acaso que restou-lhes a estrebaria, refúgio recoberto em palmas e acolchoado em palhas. Ao por ali se adentrar, a quase família sagrada não causou assombro ao jumento nem espanto ao boi.

Vendo-se intrusa, Maria acariciou com olhos e desculpas os animais já despertados para o sono. O gesto da mulher atagou em graça o coração das criaturas.

José fez crescer um fogo para aquecer o frio se por ali se atrevesse.

Maria pensativa suspeitava vigília pela noite que caía. Lá fora, o luar abrandava o escuro e vôos povoavam de cascata e asa a claridade. O céu se bordava com estrelas. O vento trazia lembranças do mar no cheiro da maresia.

Era singular a noite sem contudo inquietar os insetos que sussurravam evidências às raízes. E as raízes confidenciavam notícias às pedras que se faziam preciosas.

Beija-flores, sem licença, se aninhavam entre a lã das ovelhas. As ovelhas permaneciam fiéis aos pastores que já não ousavam falar às flautas.

Nos ninhos, os ovos se adiantavam em filhotes. Galos afinavam as gargantas para acordar com louvores os ouvidos. Nos ramos, os botões se apressavam em flores, tudo para o absoluto milagre. Mesmo o trigo se amadureceu para o pão, as uvas se mostraram prontas para a liturgia.

As aranhas desfizeram as redes e se puseram mansas entre novelos e seda.

As serpentes - traiçoeiras e ferozes - agora indefesas pela beleza.

Gabriel abriu, de par em par, as portas do firmamento. O silêncio, que até então musicava os prelúdios do nascimento, cedeu lugar a falanges de anjos e arcangjos que invadiram de glórias, cítaras e clarins a paisagem inteira. Santos e profetas, querubins e serafins se debruçavam nas constelações.

O choro do menino explodiu em tamanha liberdade que ainda se ouve o seu eco.

Reis que ao longe do presepe dormiam, souberam, por sonho e estrela-guia, do alumbramento. Pesados em ouro, incenso, mirra, benjoim,

Gaspar, Baltazar e Belchior seguiram para adorações.

Pastores se apressaram com música; tecelãs presenteavam com agasalhos; lenhadores trouxeram madeira; pescadores propunham peixes; padeiros dividiam o pão; agricultores repartiam a colheita; lavadeiras ofertavam lençóis. Os animais exibiam suas penas, peles, força e canto junto da manjedoura. As crianças, ansiosas, imaginavam cirandas e adivinhações.

*E a sorte trouxe também as ciganas, entre carmins
e ouro, que leram na mão esquerda do menino,
fuga para o Egito, lições aos doutores da lei, amores
por todos os caminhos, fortunas para a casa do Pai.
Mas viram injustiças, traições, morte, e predisseram
vitórias entrando pelas portas do céu.*

As exposições literárias itinerantes criadas pela Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais fazem parte do programa de incentivo à leitura da Secretaria de Estado de Cultura junto às bibliotecas públicas municipais. Cada mostra contém a síntese da obra de um autor ou extratos de um livro muito significativo na história da literatura ou ainda textos relacionados a um tema de interesse dos leitores da biblioteca pública. A eles as exposições são destinadas, visando despertar, motivar ou renovar o prazer da leitura literária. O texto *ESCRITURA*, de Bartolomeu Campos Queirós, foi publicado pela Mazza Edições, em 1998.

ESCRITURA

Bartolomeu Campos Queirós

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS: *Álvaro Neves*

VICE-GOVERNADOR: *Antonio Augusto Junho Anastasia*

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA: *Paulo Brant*

SECRETÁRIA-ADJUNTA: *Sylvana Pessoa*

SUPERINTENDENTE DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS: *Maria Augusta da Nóbrega Cesarino*

DIRETORA DE AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA: *Fabiola Farias*

DESIGN GRÁFICO: *Daniella Penna*